POR QUE VOCÊ NÃO FALA COMIGO?

Coleção
FAMÍLIA

• *Construir o matrimônio na pós-modernidade: novas estratégias construtivas e interativas para a convivência matrimonial,* Christiane E. Blank
• *Viver em família: o ofício de ser pai e mãe,* Bernabé Tierno
• *A psicologia da criança e seu desenvolvimento – de 0 a 8 anos,* Bernabé Tierno
• *A psicologia dos jovens e dos adolescentes – de 9 a 20 anos,* Bernabé Tierno
• *Crescer no amor sem perder a paixão,* Christiane E. Blank
• *Atitudes positivas, sempre! Educação em família,* Brigitte Pujos
• *Para o amor dar certo,* Christiane E. Blank e Renold Blank
• *Criança autômata ou autônoma?,* Diane Daniel
• *Paternidade, maternidade e responsabilidade: sugestões práticas,* François Dumesnil
• *Pais melhores em cinco momentos,* Luis Mesa
• *Aprendendo a responsabilizar nossos filhos,* Germain Duclos e Martin Duclos
• *Aprendendo a dominar a hiperatividade e o déficit de atenção,* Colette Sauvé
• *Os amigos de meus filhos,* Carmen Guaita
• *A família no mundo em transformação,* Frei Humberto Pereira de Almeida, O.P.
• *Saber dizer não às crianças,* Robert Langis
• *O sexo como vocês não conhecem: para cônjuges que amam a Deus,* Ksawery Knotz
• *O coração ferido: perder um amor, permanecer no amor,* Aristide Fumagalli / Alberto Conci / Marco Paleari
• *Que fale o amor: as relações sexuais e o namoro,* Santiago Artero Pereira
• *Por que você não fala comigo? Diálogos e conflitos entre pais e filhos adolescentes,* Saverio Abbruzzese

SAVERIO ABBRUZZESE

POR QUE VOCÊ NÃO FALA COMIGO?

Diálogos e conflitos entre pais e filhos adolescentes

PAULUS

Título original
Perché non mi parli? Dialoghi e conflitti tra genitori e figli adolescenti
© Edizioni San Paolo s.r.l, Cinisello Balsamo (MI), 2011
ISBN 978-88-215-7201-2

Tradução: *Silva Debetto Cabral Reis*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Revisão: *Iranildo Bezerra Lopes*
Manoel Gomes da Silva Filho
Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abbruzzese, Saverio
Por que você não fala comigo? – diálogos e conflitos entre pais e filhos adolescentes / Saverio Abbruzzese; [tradução Silva Debetto Cabral Reis]. – São Paulo: Paulus, 2013. – (Coleção Família)

Título original: Perché non mi parli? Dialoghi e conflitti tra genitori e figli adolescenti.
ISBN 978-85-349-3645-3
1. Comunicação na família 2. Conflito (Psicologia) 3. Pais e adolescentes 4. Psicologia do adolescente 5. Relações familiares I. Título. II. Série.

13-03892 CDD-155.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Pais e adolescentes: Comunicação: Psicologia 155.5

1ª edição, 2013

© PAULUS – 2013
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3645-3

1

QUANDO O DIÁLOGO É INTERROMPIDO

Marcos tem 16 anos e está sempre com pressa. Entre o colégio, os treinos de basquete, as saídas com os amigos e os passeios com Elisa (a primeira namorada), em casa parece deixar apenas a sombra de sua passagem! Num dia desses, nem pediu licença para sair, e retornou depois da meia-noite. O pai, impaciente, mas decidido a pôr alguns limites, o chama falando alto, enquanto Marcos, rápido e despachado, se apressa em pegar a mochila e sair para a academia. "Escute!", exclama o pai. "Não posso", rebate Marcos. "Quero falar com você! É importante!", prossegue o pai, mais que nunca decidido a não deixar a questão dar em nada. "Agora não! Eu já sei o que vai me dizer!", encerra o rapaz, deixando atrás de si o pai chocado e incrédulo. O genitor busca o olhar compreensivo da esposa, que assistiu à cena perplexa. Ambos parecem não entender o que está acontecendo.

Esses filhos adolescentes são sempre impacientes. Nunca têm tempo para ouvir os pais. Sempre têm alguma coisa para fazer, algum outro para escutar. O episódio e o diálogo supracitados são bastante frequentes e reveladores do modo como os adolescentes se comunicam. Infelizmente, porém, também é indicador da maneira de comunicar-se dos pais, geralmente petulante, repetitiva, suplicante. Podemos fazer alguma coisa para mudar essa modalidade de comunicação? Ou devemos considerá-la inevitável?

Analisemos o diálogo, passo a passo. O pai pede para ser escutado. Ou melhor, quer ter a certeza de ser ouvido. Naquela palavra ("Escute")

já existe uma boa dose de apreensão. Parece que esse pai já sabe que a sua tentativa para atrair a atenção do filho está destinada ao fracasso. Se a isso acrescentarem um tom de voz suplicante, então o quadro é mais claro. Os filhos adolescentes não suportam este tom; para eles, é irritante.

A sua resposta, com efeito, é: "Não posso". Como se tivessem um compromisso importante, ao qual não podem faltar. Na realidade, não têm nada de melhor para fazer. Essa sua tentativa é para escapar de uma comunicação redundante. O pai insiste: "Quero falar com você!". O seu tom não mudou. A súplica continua, mas ao tom soma-se uma conotação oficial, como se o que está para dizer tivesse uma importância decisiva para a vida do filho. O tom oracular é uma outra coisa que os filhos adolescentes não toleram: em geral é inadequado ao conteúdo da mensagem que o pai quer transmitir, e suscita um incontrolável ato de rebeldia no adolescente, que fisiologicamente se irrita contra qualquer forma de autoridade. Então, com efeito, continua a fugir, a escapar à interação, a adiar o diálogo, dizendo: "Agora não".

Mas o pai o persegue: "É importante!". Quem decide que uma mensagem é importante? Quem decide que uma atividade qualquer é menos ou mais importante? Obviamente devemos partir de um pressuposto: aquilo que é importante para um pai não é do mesmo modo para o filho adolescente. Os jovens possuem uma escala de valores e de interesses diferente. Não podemos pretender que os adolescentes aceitem passivamente os ditames da educação e da disciplina exatamente na idade em que não se tem tolerância com as regras. Não digo que não compreendam a sua importância, mas com certeza não lhe atribuem a mesma importância de nós, adultos. Não podemos pretender que utilizem a nossa medida de juízo. Não só não seria certo, mas nos afastaríamos ainda mais deles. Assim, dizendo: "Eu já sei o que vai me dizer!", o filho adolescente se afasta do pai. Com a pretensão do saber o que o outro pensa, elimina-se toda forma de comunicação. Dizer ao interlocutor: "Eu sei o que você pensa" equivale a dizer-lhe: "É inútil você falar, até porque eu sei o que vai me dizer". Assim, todo canal de comunicação é interrompido. E foi exatamente o que aconteceu entre o pai e o filho dos quais estamos tratando.

Como modificar a abordagem e o tom

Afinal, o que o pai queria dizer de tão importante? Vejamos alguns exemplos: "A que horas você vai voltar?", "Já terminou de estudar?", "Com quem você vai sair hoje à noite?", "Fui ao colégio e conversei com os seus professores", "Por que você sempre briga com a sua irmã?". Os exemplos podiam estender-se infinitamente, mas no momento é necessário sublinhar um aspecto do problema. Seja lá qual for o conteúdo da comunicação entre genitor e filho, convém evitar os tons utilizados no exemplo. Assim, se o genitor está preocupado com o horário da volta do filho, em vez de começar dizendo: "Escute", utilizando um tom suplicante, deveria simplesmente dizer ao filho, em tom afirmativo, isto é, de quem pretende uma resposta: "A que horas você vai voltar esta noite?". Se quer saber se o filho terminou de estudar, pergunte diretamente, sem fazer preâmbulos. Se o genitor está preocupado com as companhias do filho, mais uma vez deve perguntar de modo direto, sem subterfúgios. Se foi conversar com os professores no colégio, evidentemente o filho sabe e, então, as premissas são inúteis. Quando estiverem à mesa, o genitor comece dizendo: "Os seus professores me disseram que você....". Ainda mais inútil é perguntar por que briga com a irmã. Aqui, a mensagem poderia ser: "Deixe a sua irmã em paz! Da próxima vez que eu vir você brigar com ela, corto a sua mesada da semana!".

Gostaria de retornar rapidamente ao problema do horário da volta para casa, que põe tantos pais em estado de alerta. Pensem bem. É melhor perguntar: "A que horas você vai voltar?" ou simplesmente estabelecer de modo autoritário um horário de retorno? Se pergunto ao meu filho a que horas pretende voltar, estou dando a ele a chance de decidir o horário do retorno. É isso que querem? Ou será que, por trás da sua pergunta, está a tentativa de impor uma regra? E por que isso deveria ser uma tentativa? Acaso vocês não têm o direito/dever? Isso significa que estão tentando deixar passar, com uma pergunta, o que deveria ser uma ordem. Sob o ponto de vista comunicativo, isso não é muito claro, porque é como despachar a autoridade genitorial com um falso permissivismo. Se o genitor tem a intenção de impor uma regra, não

pode mostrar-se temeroso e inseguro. Não funciona: as regras devem ser impostas, não devem ser uma concessão que o filho faz ao genitor.

Faz um tempinho, isto é, desde que os seus pais deixaram de implorar e ficaram mais decididos a conversar com ele, que Marcos sente quase prazer em fazer com que participem de alguns aspectos de sua vida, sempre dentro do limite do possível, é claro! Não quer perder o sabor dessa nova liberdade, mas compreende que os seus se importam com ele e não quer que fiquem sempre preocupados. Esta noite avisa a eles sobre o seu compromisso, mas se esquece de detalhar o horário do retorno: "Mãe, pai, vou sair com a turma. Vamos a um barzinho. Tchau!". O pai lhe responde: "Então Marcos, vai sair?". "Sim. Até mais tarde!". "Está certo, divirta-se! Mas volte para casa até meia-noite!". "Mas, pai, hoje é sábado...". "Eu sei, Marcos! Mas volte até meia-noite! Na sua idade é um bom horário!". "Mas é que eu queria...". "Sei bem o que você queria, e entendo, mas esse horário está bem demais! Até mais tarde, e divirta-se com a sua turma!"